Pequeno roteiro de ajuda à leitura

*Gaudêncio Torquato**

CONTI, Mário Sérgio. *Notícias do Planalto - a Imprensa e Fernando Collor.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 720p

O pano de fundo da imprensa

A política, sabe-se, como os espetáculos artísticos, tem os seus atores, os seus maquinistas e coadjuvantes. Os atores se esforçam para obter os aplausos da platéia, sendo reconhecidos como profissionais de primeira, segunda ou terceira classes. Os maquinistas organizam os cenários, ajustam as trucagens, enfeitam o palco. E os coadjuvantes, em seus papéis secundários, ajudam a peça a ser sucesso de público.

Os atores da política podem ser endeusados, mitificados ou simplesmente derrubados pelos maquinistas e manipuladores da opinião pública, aí incluídos os fortes bastiões da comunicação de massa. Em certos casos, os maquinistas, eles próprios, procuram se transformar em atores principais, competindo com os agentes políticos, disputando com eles aplausos em cena aberta. Noutros, pretendem influenciar o comportamento da representação política, transformando-a em marionete. Este, infelizmente, tem sido um dos papéis exercidos pela imprensa no mundo moderno. Por quê isso ocorre?

Eis uma rápida explicação. A comunicação de massa, no sistema democrático, tem atravessado diversos ciclos. Em momentos importantes da história, como, por exemplo, por ocasião da Revolução Francesa, assumiu a posição de fórum da cidadania e da defesa dos direitos individuais e sociais, contra sistemas opressores e ditatoriais. Tem sido a chama do ideário da Independência de Nações, da liberdade, da democracia, do Estado do Direito e do Império da Justiça. A extrema liberalidade da imprensa, em determinados ciclos históricos, tornou-a frágil, obrigando-a a adotar códigos éticos e morais e a se comprometer com o conceito de liberdade com responsabilidade. Mesmo assim, em quase todas as partes do mundo democrático, escapa dos limites, quebra as regras a que se impôs e passa a assumir posturas incompatíveis com o ideário de intérprete fiel dos sentimentos sociais.

No mundo da livre iniciativa e dos negócios regidos pelas práticas do liberalismo econômico do mundo ocidental, cujo paradigma é a América do Norte, e

* Ex-professor titular da Universidade de São Paulo, jornalista e consultor político

mesmo dentro da moderna social-democracia européia, às voltas com a questão da identidade (ruína do socialismo clássico, discussão sobre características e tamanho do controle do Estado, definição sobre tipologia das ações sociais, reconceituação dos eixos do neo-liberalismo, busca de novos parâmetros conceituais, como a Terceira Via, quebra das fronteiras econômicas, fragmentação das grandes federações, globalização), a comunicação de massa passou a se constituir em um grande empreendimento negocial-comercial. O conceito de utilidade pública que sempre auxiliou o posicionamento e a aceitação da imprensa pela sociedade contemporânea é um tema recorrente e freqüentemente colocado no banco dos réus. Tem sido assim no mundo e não poderia deixar de ser assim no Brasil. Aqui, a imprensa, seguramente, contribuiu para abrir os pulmões da sociedade e oxigenar o corpo político, resgatar o ideal da liberdade de expressão, restaurar o Estado de Direito, preservar os direitos individuais e sociais e o ideário da liberdade e da justiça.Nos últimos tempos, porém, o papel da imprensa tem merecido muitas críticas. O "denuncismo" da imprensa sobre desvios de comportamento e as malhas de corrupção que se espalham pelo país enfrenta intenso questionamento. O controle e a fiscalização sobre os papéis sociais, as ações dos Poderes da República e os padrões da política, e as denúncias sobre eventuais desvios, que deveriam ser permanente regra de seu código ético, passaram a integrar as estratégias de marketing dos meios de comunicação. O "denuncismo exacerbado" se transformou em forte apelo de venda de jornais e revistas.

De outra parte, o convívio dos jornalistas com as fontes dos Poderes estabeleceu fronteiras de amizade e inimizade, respeito e desrespeito, consideração e desconsideração, elegendo-se determinados atores para subir no palco principal, colocando-se outros no "purgatório" e mais alguns no "limbo" político. No plano interno das redações e entre os próprios meios de comunicação, rivalidades abriram richas e guerras entre grupos. As diretorias, as chefias e os postos mais altos da redação se constituíram em motivos de disputas e ambições, posicionando-se e identificando-se as equipes com os fulanos, beltranos e sicranos responsáveis pelas panelinhas e "castas" internas. O ambiente jornalístico, por isso mesmo, é um dos mais ferrenhos do mercado de trabalho brasileiro.

Dentro desse cenário esquentado, disputado e pouco ético, pode-se compreender a natureza, a dimensão e o impacto de projetos editoriais que envolvem a própria missão da imprensa. Para começar, não há como deixar de se constatar algo muito óbvio: a análise do comportamento da imprensa e

sua relação com o poder, mais que uma tarefa que ajuda a compreender a teia de interesses da imprensa, de políticos, governos e empresários, constitui um empreendimento com objetivos bem claros. De um lado, há o interesse de agradar determinados atores, maquinistas e coadjuvantes da cena política; de outro, há a intenção de espicaçar, senão massacrar, o caráter de desafetos dos próprios autores dos projetos editoriais; e, ainda, não se pode esquecer a empreitada negocial-financeira, embalada pela idéia central de formar uma tessitura de efeitos bombásticos, eleger personagens principais e secundárias de traços polêmicos, pinçar eventos e episódios picantes, fuçar bastidores, trombetear segredos e organizar uma monumental massa de informações para impressionar pelo volume, procurando-se induzir o leitor a concluir que a tarefa é a última palavra sobre temáticas pouco rotineiras na vida dos cidadãos. Assim vejo o livro de Mário Sérgio Conti.

Primeira leitura

O livro *Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor*, do jornalista Mário Sergio Conti, é uma reportagem circunstanciada do teatro político com ênfase nos bastidores. Procura exibir uma peça bem ensaiada por um dos grandes atores da cena contemporânea brasileira, apontar os maquinistas responsáveis pelo embelezamento do cenário, agrupar os atores coadjuvantes, descrevendo seus papéis, com destaque para um, o cérebro das finanças e cuja morte ainda é objeto de dúvidas, apesar da clara opção do autor pela tese do suicídio.

O ator principal, Fernando Collor, teve a glória e o calvário "arquitetados" pela imprensa, não se negando, porém, sua extraordinária capacidade para lidar com jornalistas e negociar com o patronato, e a habilidade para canibalizar uma identidade chamuscada por uma vida estabanada, agasalhada por um manto de modernidade e heroismo. O ator foi exímio na arte de gerar fatos inolvidáveis. Conseguiu formar a maior bolsa de fundos eleitorais da história das campanhas políticas, a ponto de não se saber o que fazer diante de tanto dinheiro; pregar o maior pânico na sociedade brasileira, com o confisco; e ser denunciado por um irmão. A imprensa, sempre ela, esteve por trás de sua queda, desfazendo o mito que havia ajudado a construir, adensando a raiva das mesmas elites que o cercaram no início, irradiando a cultura de perniciosidade em torno da figura olimpiana do presidente. O "moderno" foi canibalizado pelo corrupto, pelo aventureiro. As relações da imprensa com o Poder e a trajetória de Collor, aliás, já foram de certa

forma traçadas e alguns episódios abordados por jornalistas bons e experientes, como José Nêumanne (*Atrás do Palanque - Bastidores da Eleição de 1989* - Edições Siciliano), Gilberto Dimenstein (*As Armadilhas do Poder* - Summus Editorial), Gustavo Krieger, Luiz Antônio Novaes e Tales Faria (*Todos os Sócios do Presidente* - Scritta Editorial), Emiliano José (*Imprensa e Poder: Ligações Perigosas* – Hucitec (SP) e Edufba (Ba); e Sebastião Nery (*A História da Vitória –Porque Collor Ganhou* - Dom Qùixote Editora), entre outros.

O que há de diferente e, até certo ponto surpreendente, na reportagem de Mário Sérgio é a malha de informação de bastidor e a tentativa de esboçar a fenomenologia do relacionamento entre imprensa e poder político. O pano de fundo é aético e amoral. As negociações, algumas com características de negociata, a criação do fato político a partir do "olho" da imprensa, as pautas "compradas" ou "sugeridas" à TV Globo e Veja, por exemplo, mostram o intestino de uma estrutura simbiótica, hoje considerada um dos mais fortes elos da cadeia de formação da opinião pública nacional. Trata-se do poder "mediapolítico", amálgama da influência da mídia com o mandonismo político.

O livro é um painel das ante-salas da imprensa e do poder, com nomes, datas, lugares, meios, recursos e circunstâncias. A densidade informativa, decorrente principalmente pelo fato do autor ter tido acesso às peças informativas levantadas pelas equipes da redação da *Veja*, que dirigiu entre 91 e 97, sendo ele, portanto, um dos maquinistas, está estruturada de forma a conferir ao livro a pretensa marca de objetividade e precisão. Aliás, essa é a postura mínima que se deve esperar de um ex-editor de uma revista nacional de porte. A primeira leitura impressiona pelo volume informativo, a extensão geográfica dos palcos, a narração dos climas psicológicos das redações, o levantamento de dados biográficos e históricos sobre os principais veículos de comunicação e seus *managers*, muito útil, por sinal, para quem não teve oportunidade de ler algo sobre a genealogia e até as salas mais íntimas de alguns atores principais. É claro que políticos, profissionais liberais, a burocracia da administração pública e jornalistas, entre os mais qualificados grupos de leitores desse tipo de livro, ficaram impressionados com a quantidade de informações coletadas. Como o autor conseguiu captar tanta conversa, tanto bastidor, tanta fofoca, tanta intimidade? É o que muitos andam se perguntando.

As histórias são contadas com um espírito de onipotência e onisciência só imagináveis em um deus; portanto, se o "magister" Mário Sérgio Conti "dixit" é porque tudo é verdade. Para ajudar na impressão de grandeza e definitividade, as

primeiras resenhas foram quase todas favoráveis ao autor. Resenhas que devem ter sido elaboradas mais com aquilo que Balzac chamava de "gastronomia dos olhos" (uma bela capa, um imenso livro, quase uma Bíblia) do que com a força do intelecto. O livro de Conti merece alguns descontos.

Segunda leitura

Algumas considerações precisam ser feitas. Em primeiro lugar, a questão da objetividade. Mesmo para alguém distanciado do dia-a-dia das redações, não passa despercebida a intenção do autor em colorir certos personagens com ênfases (informação, diálogo, clima psicológico nas redações) que cobrem suas imagens com uma capa suja. É patente, por exemplo, o cipoal negativo em que o autor amarra seu ex-companheiro de revista, José Roberto Guzzo. É patente a intenção de queimar a figura do jornalista Mário Alberto de Almeida, hoje diretor de redação de *A Gazeta Mercantil*. Num dos episódios polêmicos, a edição do último debate entre Collor e Lula, aspectos curiosos deixam grandes interrogações. Pela narrativa, Alberico Souza Cruz favoreceu Collor na edição do debate com Lula que foi ao ar no Jornal Nacional. Mas o doutor Roberto Marinho não tem nenhuma culpa. Não teria revogado uma medida interna, a de conceder o mesmo espaço de tempo aos candidatos-contendores. Mas a fonte primária do fato, aquele que refez a edição que foi ao ar, Ronald Carvalho, não foi ouvido. Sabe-se, hoje, que ele caprichou na edição favorecendo Collor, por ordem expressa do dono. Quais as razões que teriam levado Mário Sérgio a não ouvir fontes primárias? Aliás, em todo o correr da leitura, pouquíssimas vezes o autor dá a entender que falou com as fontes. Parece querer esconder de onde tirou as informações. Teria realmente participado dos eventos da época ou soube por terceiros, repórteres de sua equipe? E se assim ocorreu, não teriam esses repórteres o direito de passear no texto com seus relatos e descrição de bastidores?

Jornalistas são caracterizados como "subornadores" a serviço de candidatos e governos. Foram ouvidos? Por quê um livro, tão denso de informações e detalhes, omitiu a briga entre grupos nas redações, a disputa entre jornalistas? Não haveria motivação de vingança, mesmo que atrasada, contra desafetos? Outros jornalistas são pintados como omissos e negligentes diante das altas funções que cumpriam, como assim foi descrito Armando Nogueira. Não há, na narrativa, a versão dos denunciados, o que não deixa de ser um pesado ônus à pesquisa volumosa.

A impressão é a de que o autor decidiu trilhar por uma linha: entre-

vistar os amigos e fontes de fácil acesso, esquecer os outros e até inventar fatos. Sobre essa última hipótese, há que se registrar o depoimento de um seu companheiro de redação, Paulo Moreira Leite, que desmente categoricamente um episódio relatado por Conti a respeito de uma demissão, que não se concretizou na revista que dirigiu.

A estrutura da narrativa é horizontal, uma espécie de colcha de retalhos, que se pode recortar a partir de qualquer parte. Não há um crescendo ou um decrescendo, um ponto mais nuclear. Trata-se de uma colagem elaborada por blocos, onde o autor foi inserindo situações a partir dos dados coletados. Assim, o livro pode ter sido construído, por exemplo, do fim para o começo ou do meio para as margens, mas isso não tira o mérito da densa pesquisa, mesmo que parcializada.

Ao contrário do que andou por aí se dizendo, quem sai perdendo com o livro é a imprensa. Apresenta uma relação incestuosa entre jornalistas, patronato e poder. Que é importante denunciar a reciprocidade aética de interesses, não há dúvida. Mas essa não foi a intenção de Mário Sérgio Conti. Tem-se a impressão de que procurou enaltecer certas posturas, valorizar a moeda de troca entre imprensa e poder. A linguagem firme e onisciente de Conti surpreende, até porque desconhecia-se seu potencial de intérprete dos costumes políticos. Sob o aspecto da linguagem, o livro é muito bem escrito. Quase não usa adjetivos. O período é breve, conciso e forte. O parágrafo bem alinhavado. Quem tinha imagem de um Collor pérfido e de um PC Farias como protótipo do mal, sai com a idéia de que o ex-presidente, afinal de contas, não é assim tão ruim. E PC, homem magnânimo, um cavalheiro de grande personalidade, excelente negociador, foi um incompreendido. As elipses e acréscimos em abordagens só aparecem depois de algumas leituras sobre os eventos. A primeira leitura canibaliza qualquer hipótese de parcialidade. Já na segunda leitura, fortalecida por depoimentos de fontes e personagens que não foram engolfados pelos eflúvios elogiosos dos primeiros momentos, dá para se perceber que os contrapontos ausentes acabam tirando alguns quilos da gordura verbal de *Notícias do Planalto - A Imprensa e Fernando Collor.*